



Usos argumentativos de “pero” em meios digitais espanhóis

Argumentative uses of “pero” in Spanish digital media

Carolina da Costa Pedro

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo / Brasil

costa.pedro@unesp.br

<https://orcid.org/0000-0003-0130-966X>

Talita Storti Garcia

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo / Brasil

talita.garcia@unesp.br

<https://orcid.org/0000-0001-8695-6086>

Resumo: Neste artigo, pretende-se apresentar uma análise dos usos de *pero* encontrados em um *corpus* do espanhol escrito em meios digitais. O aparato teórico-metodológico utilizado é o modelo da Gramática Discursivo-Funcional – GDF (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). De acordo com a gramática da *Real Academia Española* (RAE, 2009), *pero* é uma conjunção coordenativa que relaciona duas orações opostas, que se contrapõem. Do ponto de vista da GDF, essas duas unidades configuram Atos Discursivos em relação desigual, que engendram função retórica Concessão. O falante apresenta um Ato para *conceder* uma informação a fim de, em seguida, apresentar outro Ato que considera argumentativamente mais relevante. Alguns usos encontrados neste estudo, no entanto, fogem dessa interpretação. O *corpus* selecionado consiste em dados de *blogs* extraídos do CORPES (Corpus del Español del Siglo XXI), da Real Academia Española. Verificou-se que *pero*, além de ser utilizado na camada mais alta do Nível Interpessoal (o Ato Discursivo), introduz Movimentos e ainda enfatiza um Subato anteriormente apresentado, sendo um elemento muito importante do ponto de vista argumentativo.

Palavras-chave: *pero*; espanhol; argumentação; retórica.

Abstract: This paper intends to present an analysis of two uses of adversative conjunction *pero* found in a Spanish written *corpus* in digital media. The theoretical-methodological apparatus used is the Functional Discourse Grammar – FDG (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). According to RAE (2009), *pero* is coordinative conjunction in which presents two opposing clauses. From the point of view of FDG, however, these two units configure Discourse Acts in an unequal relationship, which engender Concession rhetorical function. The speaker presents an Act to *grant* information in order to then present another Act that he considers arguably more relevant. Some of the uses found in this study are beyond that interpretation. The research universe consists of data collected from *blogs* and extracted from CORPES (Corpus del Español del Siglo XXI), from the Real Academia Española. It was verified that, besides being used between two Discourse Acts, it can also introduce Moves and also emphasize a Subact previously presented, being a valuable element for the speaker’s argument.

Keywords: *pero*; Spanish; argumentation; rhetoric.

Recebido em 01 de março de 2021

Aceito em 17 de maio de 2021

1 Considerações iniciais

Este artigo¹ se propõe a investigar os papéis do juntor *pero* (equivalente ao *mas* do português)² em meios digitais do espanhol escrito, representados pelas ocorrências de (1) a (4) a seguir:

- (1) A mí me gustan las películas de Disney, **pero El viaje de Chihiro se sitúa en la antípoda opuesta**. (2002 Romero, Pedro Jorge: «El viaje de Chihiro». pjorge.com (ESPAÑA))

[Eu gosto dos filmes da Disney, mas A viagem de Chihiro está em um lado totalmente oposto.]

¹ Este trabalho se baseia na dissertação “Construções adversativas introduzidas por “pero” no espanhol peninsular falado: uma abordagem discursiva-funcional” (PEDRO, 2020). Nesse trabalho de mestrado, no entanto, abordaram-se apenas os elementos oracionais introduzidos por *pero* no espanhol peninsular falado, em um *corpus* de língua falada.

² Optamos por traduzir *pero* pela conjunção *mas* do português por ser a conjunção adversativa prototípica e a mais utilizada em contextos coloquiais.

- (2) Vicente Aupí ha escrito un libro sencillo **pero interesante**, una introducción agradable a problemas y misterios del universo. El buen tratamiento histórico de algunos de los capítulos ofrece la visión de la ciencia como un proceso siempre en desarrollo, como algo que no acaba nunca...] (2001 Romero, Pedro Jorge: «Los enigmas del Cosmos: Las grandes preguntas sin respuesta de la astronomía actual de Vicente Aupí». pjorge.com (ESPAÑA))
[Vicente Aupí escreveu um livro simples, mas interessante, uma introdução agradável a problemas e mistérios do universo. O bom tratamento histórico de alguns dos capítulos oferece a visão da ciência como um processo sempre em desenvolvimento, como algo que não acaba nunca...]
- (3) Feliz año, **pero... ¿qué es un simple año en la inmensidad del tiempo profundo?** (2002 «El monstruo de Aramberry». El Paleofreak (ESPAÑA))
[Feliz ano novo, mas... o que é um simples ano na imensidão do tempo profundo?
- (4) La cadena propietaria del programa tendrá que buscar un sustituto para el mismo. Ante la imposibilidad de contratar a viejas glorias versadas en la materia, por contar todas ellas con episodios muy **(pero que muy) oscuros** en su vida, acabarán optando por el fichaje de Smoochy, un joven iluso e idealista que se gana la vida disfrazado de rinoceronte y actuando en destartalados centros de rehabilitación para drogadictos. (2004 Spaulding: «¡Muerte a Espinete!». *Spaulding's Blog* (ESPAÑA))
[A rede proprietária do programa terá que encontrar um substituto para ele. Diante da impossibilidade de contratação de velhas glórias experiente no assunto, por todas terem episódios muito (mas muito) sombrios em sua vida, acabarão optando pela contratação de Smoochy, um jovem iludido e Idealista que ganha a vida disfarçado de rinoceronte e atuando em centros de reabilitação de drogas.]

Segundo a Real Academia Española (2009), *pero* é uma conjunção coordenativa que serve para opor duas ideias, exatamente o que se observa

nas ocorrências (1) e (2). Em (1), temos dois elementos oracionais que se contrastam em *a mí me gustan las películas de Disney e el viaje de Chihiro se sitúa en la antípoda opuesta*. Em (2), por sua vez, o contraste está designado entre constituintes não oracionais, *sencillo e interesante*.

Em (3) e (4), diferentemente, não há elementos opostos, pois em (3) *pero* é utilizado para prefaciá-la pergunta *¿qué es un simple año en la inmensidad del tiempo profundo?* e, em (4), seu papel é ressaltar o intensificador *mu*y, que escopa o adjetivo *oscuros*. Essas duas ocorrências evidenciam que *pero* não se limita a relacionar elementos que se contrastam.

Casos como os de (1) e (3) são abordados, sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional, por Pedro (2020) no espanhol peninsular falado. Nesse estudo, a autora mostra que esse item linguístico atua fortemente na estratégia argumentativa do falante, mas não só, pois atua também na organização discursiva, conforme prevê Hengeveld e Mackenzie (2008) para o juntor *but* do inglês. A autora não aborda casos como os (2) e (4), os quais serão analisados no presente artigo com base no que postulam Pezatti, Paula e Galvão Passetti (2019), Passetti Galvão (2021) e Pezatti e García (no prelo) para o juntor *mas* no português.

A Gramática Discursivo-Funcional – doravante GDF – é um modelo teórico tipologicamente orientado, isto é, uma teoria “capaz de fornecer um arcabouço para enunciação e comparação dos universais de diferentes línguas”³ (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 32).

Reconhecem Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 55) e Keizer (2015) que *but* pode atuar entre dois Atos Discursivos, em que um deles é Subsidiário e o outro, Nuclear, sendo esse considerado pelo falante comunicativamente mais relevante, conforme se observa no exemplo retirado de Keizer (2015, p. 258):

- (5) They lived happily for many years, **but** then things started to go wrong. (Adaptado de Keizer (2015, p. 258.)

[Eles viveram felizes por muitos anos, mas aí as coisas começaram a dar errado.]

³ (FDG is a theory that) is capable of providing a framework for the enunciation and comparison of universals and of offering lines of explanation.

O primeiro elemento, *They lived happily for many years*, configura o Ato Subsidiário (A_1), e o segundo, *then things started to go wrong*, constitui o Ato Nuclear (A_1). Esses Atos apresentam, como se observa, estatuto desigual, ou seja, o falante aloca no Ato Nuclear o que acha mais relevante do ponto de vista da comunicação. Nesse caso, o falante concede um Ato, para afirmar, no Ato seguinte, um conteúdo que julga mais relevante, como mostra a representação em (5a):

- (5a) (M_1 : [$(A_1$: –Eles viveram felizes por muitos anos– (A_1))_{Conc}
 (A_1 : as coisas começaram a dar errado (A_1))] (M_1))

Note que a função retórica Concessão (Conc) é vinculada ao primeiro elemento, o Ato Subsidiário, o que significa que esse Ato apresenta informações menos importantes do que o segundo, o Nuclear.

A GDF reconhece também a atuação de *but* em contextos narrativos, quando o falante usa esse junctor para fazer digressões que julga serem necessárias na interação, conforme ilustra o exemplo de Keizer (2015, p. 51):

- (6) **But . . . But** inside the great doors of the colleges there is often a small notice. It reads: ‘This college is closed to visitors’. And indeed it is. These beautiful buildings, along with a whole realm of cultivated human intellect, are closed to the vast majority of humankind. And this is not because humanity isn’t up to it. The only belief I’ll never recant is that every single undamaged baby is born with fabulous, infinite intellectual potential. And that, of all the terrible wastage of resources in the world, it is the wasting of that intellectual potential that is the worst. Anyway, to come back to Oxford: . . . (BYU-BNC, written, non-academic)

[Mas. . . Mas dentro das grandes portas das faculdades costuma haver um pequeno aviso. Diz: ‘Este colégio está fechado para visitantes’. E realmente está. Esses belos edifícios, junto com todo um reino de intelecto humano cultivado, estão fechados para a vasta maioria da humanidade. E não é porque a humanidade não está à altura disso. A única crença que nunca vou retratar é que todo bebê não danificado nasce com um potencial intelectual fabuloso e infinito. E isso, de todo o terrível desperdício de recursos no mundo, é o desperdício desse potencial intelectual que é pior. Enfim, voltando a Oxford:]

A partir dessas considerações teóricas, o presente artigo pretende analisar os usos de *pero* em meios digitais do espanhol. Pretende-se, desta maneira, responder às seguintes perguntas: (i) quais são os tipos de *pero* encontrados em contextos digitais do espanhol? (ii) eles se limitariam aos casos que estabelecem contraste entre dois elementos? (iii) de que tipos são esses elementos, oracionais e não oracionais? (iv) há casos em que *pero* introduz unidades que se voltam para o discurso ou servem a outros propósitos?

O universo de investigação consiste em textos de *blogs* extraídos do CORPES (Corpus del Español del Siglo XXI), da Real Academia Española. Selecionamos o lema “*pero*” na modalidade “escrita” e de tipologia de “*blog*”, para trabalhar com textos publicados digitalmente. Com isso, foram encontrados 20.66 casos em 6.767 documentos. Dentre tantas ocorrências, selecionamos, aleatoriamente, trinta⁴ casos para este estudo.

No que diz respeito à organização deste trabalho, apresentamos a seguir alguns pressupostos teórico-metodológicos da Gramática Discursivo-Funcional necessários para a compreensão do fenômeno em análise. Em seguida, sumarizamos algumas considerações advindas das gramáticas de referência e de importantes estudos de *pero* no espanhol. Posteriormente, apresentamos a análise dos dados com base no modelo funcionalista adotado. Por fim, apresentamos as considerações finais e as referências bibliográficas.

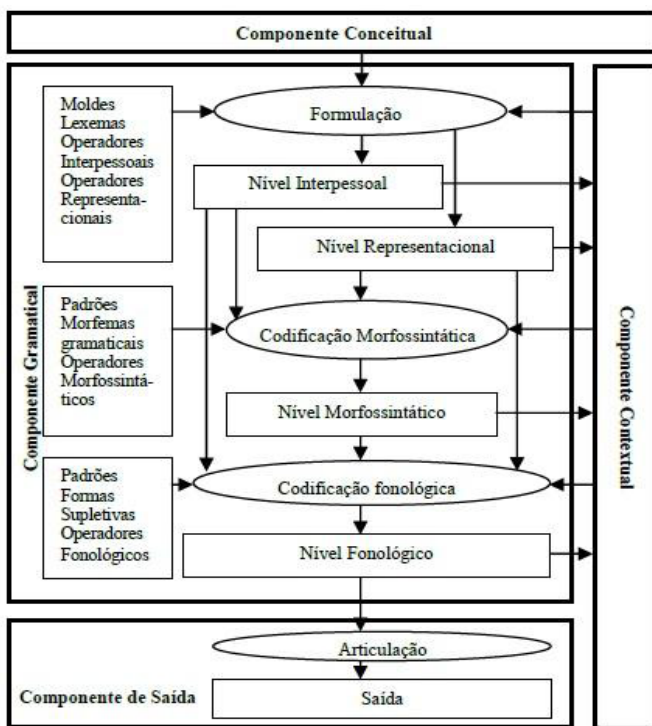
2 Pressupostos teórico-metodológicos: A Gramática Discursivo-Funcional

Como mencionado anteriormente, este artigo pretende investigar os usos de *pero* com base na Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). Esse modelo parte das intenções comunicativas do falante para a expressão das formas linguísticas. Portanto, é um modelo *top-down* (descendente), em que o falante parte de seu propósito comunicativo (sua intenção) para, a partir de então, selecionar e codificar essa informação gramaticalmente.

⁴ Nossa análise se baseia em critérios qualitativos. Entendemos que a análise quantitativa não altera os resultados a respeito ao comportamento morfossintático e semântico-pragmático de *pero*.

A teoria da Gramática Discursivo-Funcional é um modelo que interage com os componentes Conceitual, Contextual e de Saída para facilitar sua compatibilidade com uma teoria de interação verbal mais ampla.

FIGURA 1 – Arquitetura geral da GDF



Fonte: Adaptado de Hengeveld. Mackenzie (2008, p. 13).

Há quatro componentes na GDF. O *componente conceitual*, de acordo com Keizer (2015), contém as informações pré-linguísticas relevantes para a análise e é considerado o motor da Gramática. O segundo, *componente de saída*, transforma a saída do componente de gramática em sinais acústicos ou ortográficos. Finalmente, o *componente contextual* corresponde à descrição do conteúdo, ou seja, contém informações não linguísticas sobre o contexto discursivo imediato que afeta a forma de um enunciado linguístico.

Esses três componentes interagem com o quarto, o *gramatical*, em que se estruturam quatro níveis. O Nível Interpessoal é relacionado à pragmática e lida com todos os aspectos formais de uma unidade linguística que reflete seu papel na interação entre falante e ouvinte; o Nível Representacional está voltado para os aspectos semânticos; o Nível Morfossintático, relacionado à morfossintaxe; e por fim o Nível Fonológico, aos aspectos prosódicos da língua. Todos eles se organizam em torno de camadas dispostas hierarquicamente.

O Nível Interpessoal, que está no topo da estrutura da teoria, apresenta a camada do Movimento (M) como a maior unidade de análise. O Movimento, que consiste em um ou mais Atos Discursivos (A), é definido como uma contribuição autônoma para o desenvolvimento da interação. Nesse nível, as unidades em cada estrato podem ter uma função retórica ou pragmática (Φ). Cada Ato Discursivo se caracteriza como “a menor unidade de análise do comportamento comunicativo” (KEIZER, 2015, p. 52).⁵ Os Atos Discursivos consistem em uma Ilocução (F), Participantes (P) e um Conteúdo Comunicado (C). Este Nível, portanto, lida com os aspectos formais da unidade linguística que refletem a interação entre falante e ouvinte. Em uma interação, cada participante tem um objetivo em mente, e o locutor prepara sua fala para atingir seu objetivo comunicativo.

O segundo Nível, Representacional, é o que tem o maior número de camadas e está relacionado às categorias semânticas da unidade linguística. Nesse nível, as entidades semânticas são denotadas por itens lexicais. Suas categorias são: Conteúdo Proposicional (p), Episódio (ep), Estados-das-Coisas (e) e Propriedade Configuracional (f). O Conteúdo Proposicional é a camada superior do Nível Representacional e indica uma construção mental, um desejo. Podem ser constituídos por Episódios (ep), que podem ser constituídos por um ou mais Estados-das-Coisas, que podem apresentar unidades de Tempo (t), Lugar (l) ou Indivíduos (x).

Após percorrer por dois níveis de Formulação, preocupados com os aspectos pragmáticos e semânticos, chegamos ao Nível Morfossintático, que recebe as informações que vieram dos dois níveis anteriores (Interpessoal e Representacional) e as converte em representação morfossintática. Seus estratos são: Expressão Linguística (Le), Orações (Cl), Frases (Xp) e Palavras (Xw).

⁵ “the smallest identifiable units of communicative behaviour”.

O último nível proposto pela teoria é o Fonológico. Seus estratos são: Enunciado (U), maior segmento da fala, seguido pela Frase Entonacional (IP), Sintagma Fonológico (PP), Palavra Fonológica (PW), Pé (F) e Sílabas (S). Embora reconheçamos a importância do Nível Fonológico para o modelo, ele não fará parte da nossa análise por delimitação do espaço.

Na perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional, a *retórica* é a função que se estabelece no Nível Interpessoal, uma maneira encontrada pelo falante para moldar seu discurso e atingir seu propósito na interação. Esta teoria reconhece cinco tipos de funções retóricas, sendo elas: *Motivação*, *Orientação*, *Esclarecimento* (ou *Correção*), *Aposição* (ou *Aside*) e, por último, *Concessão*. Todas elas configuram estratégias linguísticas que são empregadas na argumentação do falante para persuadir o ouvinte.

Neste estudo, interessa-nos a função retórica *Concessão*, que é atribuída a um Ato Discursivo com a função comunicativa de indicar que o falante tem conhecimento de que o conteúdo do Ato Discursivo anterior pode não ser o esperado pelo ouvinte, conforme (7) e sua representação em (7a):

- (7) What's done is done. And it was done for the best, **although** (I must admit) it didn't turn out like that. (KEIZER, 2015, p. 56).
[O que está feito está feito. E foi feito para o melhor, embora eu deva admitir que não foi assim]

- (7a) (M_i: [(A_i: –and it was done for the best– (A_j)) (A_j: –it didn't turn out like that– (A_j))_{Conc}] (M_i))

No exemplo de Keizer, vemos um único Movimento (M_i) sendo composto por três Atos Discursivos. Os dois últimos Atos, no entanto, são os que nos interessam, pois, nesse caso, *and it was done for the best* constitui o Ato Discursivo Nuclear (A_i) e *it didn't turn out like that* é o Ato Discursivo Subsidiário (A_j), estatuto que pode ser comprovado pela inserção do performativo *I must admit* (Eu admito que). O Ato Subsidiário, que apresenta a *Concessão* (Conc), é utilizado pelo falante quando este julga que o conteúdo apresentado no primeiro Ato, o Nuclear, não era esperado pelo ouvinte.

A função retórica Concessão também é reconhecida por Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 55) em contextos com *but* ('pero'), mas, nesse caso, o Ato Nuclear, é o segundo. Os autores reconhecem ainda a possibilidade de atuação do juntor *but* em contextos narrativos, quando configura um *push marker*, um operador que possibilita ao falante trazer histórias que auxiliam a compreensão do assunto que está sendo desenvolvido, conforme já exemplificamos em (6), extraído de Keizer (2015). Nesses contextos, os elementos introduzidos por *but* conformam-se a lances na interação, o que caracteriza, na GDF, Movimentos.

Movimentos, segundo Keizer (2015, p. 48-49), são facilmente reconhecidos em uma conversação entre dois informantes, quando cada turno normalmente corresponde a um Movimento. De acordo com a autora, os Movimentos são geralmente codificados por uma única entonação na língua falada, o que evidencia a correspondência entre os Níveis Interpessoal e Fonológico.

Sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional, Pedro (2020), em seu estudo sobre as orações com *pero* no espanhol peninsular falado, reconhece que as estruturas introduzidas por *pero* se estabelecem nas camadas mais altas do Nível Interpessoal, isto é, no domínio pragmático, podendo atuar nas camadas do Ato Discursivo e do Movimento. A autora afirma que, na camada do Ato Discursivo, *pero* atua em relações binárias, quando os dois elementos relacionados constituem Atos Discursivos, sendo o primeiro ato Subsidiário, e o outro, Nuclear, conforme se observa em:

(8) E: ¿oye y tú tienes más hermanos?

I: sí tengo dos

E: ¿y cómo son? háblame un poco de ellos ¿ellos ya no viven en tu casa o sí?

I: no mi hermano la verdad es que son muchísimo más mayores que bueno no sé mi hermano me saca catorce años y mi hermana once o sea que yo salí por ahí no sé como y nada mi hermano está casado tiene un niño y mi hermana tiene una niña **pero** está divorciada. (adaptado de PRESEEA – 23, M, AH, 11, M)⁶

⁶ As ocorrências (8) e (9) fazem parte do levantamento de dados coletados para o trabalho “Construções adversativas introduzidas por “pero” no espanhol peninsular falado: uma abordagem discursiva-funcional” (PEDRO, 2020).

[E: escuta, e você tem mais irmãos?

I: Sim, tenho dois

E: E como são? Me fale um pouco sobre eles, eles não vivem mais na sua casa ou vivem?

I: não meu irmão na verdade é que são muito mais velhos do que eu, bom, não sei, meu irmão é onze anos mais velho do que eu e minha irmã doze, ou seja, que eu saí por aí não sei como e nada meu irmão é casado tem um filho e minha irmã tem uma filha, mas está divorciada.]

Em (8), a primeira oração *mi hermana tiene una niña* configura o Ato Subsidiário, a informação secundária realizada por parte do falante. A segunda oração *está divorciada* é o Ato Nuclear, pois contém a informação mais relevante, já que o falante fez questão de dizer que, embora sua irmã tenha uma filha, ela está divorciada. Veja que o falante adianta uma possível pressuposição por parte do ouvinte: ao dizer que sua irmã tem uma filha, provavelmente seu interlocutor pensaria que ela é casada. Por isso, acrescenta um elemento por meio do juncor *pero*, sendo a informação mais importante do ponto de vista argumentativo.

O falante ordena os componentes do discurso para influenciar o ouvinte a aceitar seus propósitos comunicativos com *pero* introduzindo o Ato Nuclear, ou seja, trata-se de uma estratégia do Falante para que seu Ouvinte seja convencido, o que caracteriza a função retórica *Concessão*.

De acordo com a autora ainda, *pero* atua na camada do Movimento quando atua na organização do discurso, de modo que o falante impulsiona a comunicação. Nesse caso, *pero* configura um *push marker*, ou *marcador push*, e tem por função introduzir uma digressão que pode chegar a suspender o tópico ou o assunto anterior a fim de inserir um novo tema, como mostra (9):

(9) I: La verdad es que no he hecho muchos viajes pero bueno con mi antigua novia estuvimos el año pasado en Mallorca con mi ex y bien estuvimos viendo toda la parte de Mallorca centro.

E: Yo no lo conozco.

I: No lo conoces bueno pues lo típico la catedral la parte del centro que no fue sólo un viaje así de playa y de marcha sino que tuvimos para todo ahí he estado así fuera de España, Coruña

he estado también, pero salir fuera de España no. No he hecho muchos viajes, me he enterado que otra gente sí que se está

E: Que va por ahí.

I: Que este año ha estado por ahí pero a ver a ver si puedo yo también el próximo año.

E: Bueno esa otra gente con tu edad tampoco iba por ahí

I: Pero últimamente estás recuperando ¿no? estás recuperando el tiempo perdido.

E: ¡Vaya! ¡vaya! (Adaptado de PRESEEA – 01, H, G, 29, S)

[I: Na verdade eu não fiz muitas viagens, mas, bom, com minha antiga namorada estive ano passado em Mallorca com minha ex e, bom, vimos toda a parte do centro de Mallorca.

E: não conheço

I: Bom, não conhece, o típico é a catedral, a parte do centro, não foi uma viagem somente de praia e de passagem, mas visitamos tudo por ali, e assim fora da Espanha, Corunha também estive, mas fora da Espanha não. Não fiz muitas viagens, vi que as pessoas estão...

E: estão saindo por aí

I: Que este ano saíram por aí, mas, vamos ver se consigo ir também no próximo ano.

E: Bom, essas pessoas com sua idade também não saíam por aí

I: Mas ultimamente você está recuperando, né? Está recuperando o tempo perdido.

E: Sim! Sim!]

Em (9), o informante lança a pergunta *pero ultimamente estás recuperando el tempo perdido, ¿no?* após ouvir do entrevistador que as pessoas com sua idade também não viajavam e após dizer que não conhece Mallorca. O informante, a fim de estimular o entrevistador a dialogar com ele, e ao pressupor que o mesmo não seguiria com o tema sobre viagens, faz a pergunta para estimulá-lo a contar se ele está recuperando o tempo perdido por não ter viajado pela Espanha. A contrariedade, como se observa, se estabelece no âmbito interacional,

como se o informante pedisse para que o entrevistador se envolvesse com a conversa. Neste caso, pode-se considerar que a estrutura introduzida por *pero* impulsiona a interação, funcionando como um lance.

Portanto, esse juntor pode atuar em contextos narrativos ou introduzir novos temas à conversação, o que é considerado, na perspectiva da GDF, um operador de Movimento. Esse operador pode atuar também entre dois Atos Discursivos de diferentes estatutos, os quais, juntos, compõem um Movimento.

3 *Pero*: em estudos gramaticais e linguísticos do espanhol

As principais gramáticas de referência do espanhol consideram *pero* um juntor utilizado para contrapor ideias em orações coordenadas adversativas, como representa o exemplo a seguir extraído de Bosque e Demonte (2000, p. 3865):

- (10) Me gusta mucho esta camisa, **pero no me la voy a comprar**.
[Gosto muito dessa camisa, mas não vou comprá-la]

A primeira oração *Me gusta mucho esta camisa* se contrapõe à oração introduzida por *pero, no me la voy a comprar*. O falante apresenta uma informação, que implicitamente faz o ouvinte pensar que o mesmo irá comprar a camisa, *me gusta*, para, em seguida, afirmar algo oposto que pode ou não anular o que foi dito anteriormente, *no voy a comprar la camisa*.

Bosque e Demonte (2000) consideram que o uso de *pero* na argumentação impõe um tipo de interferência: a eliminação de uma suposição. Observe o exemplo dado pelos autores em (11):

- (11) Pedro es madrileño, **pero generoso**. (BOSQUE; DEMONTE, 2000, p. 3864.)
[Pedro é madrileno, mas generoso]

Nesse caso, o falante contrapõe duas ideias: ser madrileno e ser generoso, isso porque o juntor *pero* coloca *madrileño* e *generoso* em contraposição, e nos faz supor que os madrilenos não são generosos. Neste caso, o uso de *pero* não serve apenas para contrapor duas ideias,

mas é uma estratégia utilizada pelo falante para convencer seu leitor de que as pessoas de Madrid não são generosas, exceto Pedro.

Assim, *pero* tem uma função argumentativa, eliminando uma das inferências possíveis que poderiam ser deduzidas no primeiro enunciado e marcando a orientação argumentativa que esse discurso vai desenvolver.

Para explicitar o uso do *pero* na argumentação, Bosque e Demonte (2000, p. 3863) apresentam o seguinte esquema:

Fórmula: <p *pero* q>:

Argumento p -> conclusão parcial *r*

Argumento q -> conclusão parcial \uparrow *r*

q tem maior peso argumentativo que *p*

Em <p *pero* q>, a proposição <p> é apresentada como um possível argumento a favor de uma eventual conclusão em <r>, enquanto <q> é apresentada como um argumento para a conclusão oposta <não r>, enfatizando o maior peso argumentativo do segundo argumento e, portanto, da conclusão do mesmo.

Para Montolío (2001), um enunciado tem efeito de sentido diferente quando se observa a presença de *pero*. Quando acrescentamos *pero*, as conclusões do ouvinte podem diversificar, pois a presença do juntor nos leva a pressupor que algo possa estar em contraposição ao que já foi dito.

Para a autora, quando utilizamos o juntor *pero*, logo em seguida pressupomos que “o que vem a seguir contrasta com a informação precedente”.⁷ Montolío (2001) chama esse tipo de contraste de informação *inferencial*. Em outras palavras, a oposição está na mente do falante.

Como se observa, de acordo com as gramáticas do espanhol, *pero* pode anular ou acrescentar uma informação, como exemplificam os exemplos (10) e (11) respectivamente. Em todos os casos, no entanto, há relações de pressuposição e inferências que são colocadas em evidência pelo próprio falante ao estabelecer o contraste, ou seja, o contraste só existe porque o falante coloca os elementos em relação de oposição.

Para Hernández Alonso (1984, p. 227), *pero* deixa de desempenhar seu papel de conectivo quando precede uma oração que não tem um

⁷ Lo que viene a continuación contrasta con la información precedente.

primeiro elemento para coordenar. De acordo com o autor, nesses casos, *pero* é pleonástico e enfático.

Gili Gaya (2002, p. 282) reconhece que o uso enfático de *pero* pode “manifestar surpresa, estranhamento, espanto, ou interromper a conversa com uma frase alheia”.⁸ De acordo com o autor, esse uso é marcado prosodicamente, como em (12):

- (12) **Pero** ¿cómo lo has sabido?;
 [Mas como você soube?]
Pero ¡qué horror!;
 [Mas que horror!]
Pero fíjate en ese que viene;
 [Mas preste atenção nesse que está vindo.]
 ¡Bien!, ¡**pero** que muy bien!
 [Bem!, Mas muito bem!]

Em seu estudo sobre o *pero* enfático, Acín Villa (1993-1994, p. 224) afirma, diferentemente, que mesmo que *pero* perca seu caráter coordenativo, quando expressa ênfase, não significa que possa perder seu valor de adversidade. Para a autora, o falante deseja enfatizar um elemento do seu enunciado e utiliza *pero* para fazer uma contraposição implícita entre o elemento e o outro que se opõe. Observe o exemplo da autora:

- (13) ¡Y ya estáis volviendo ahora mismo los tres para acá! ¡**Pero volando!** (ACÍN VILLA, 1993-1994, p. 244)
 [E vocês três voltando aqui agora! Mas voando!]

Quando o falante termina seu discurso com *Pero volando*, segundo Acín Villa (1993-1994, p. 225), quer deixar claro sua vontade de que o ato de voltar se realize rapidamente. Para realçar seu desejo, então, utiliza *pero* e, nesse caso, o que o falante enfatiza é, para o autor, toda a oração anterior, por isso, pode-se considerar que prevalece um valor adversativo.

⁸ manifestar sorpresa, extrañeza, asombro, o el irrumpir en la conversación con una frase ajena a la misma.

O uso enfático de *pero* também é reconhecido pela *Gramática de la Real Academia Española* (2010, p. 616) em estruturas do tipo *pero (que) muy*, em que, segundo a obra, não há duas ideias em contraste, apenas ênfase do conteúdo do elemento repetido, como se observa em (14):

(14) Está muy **pero que muy** enamorado (RAE, 2010, p. 616)

[Está muito, mas muito apaixonado]

Como se observa, *pero* pode contrastar dois elementos colocados em oposição pelo falante, quando atua na argumentação, pois o segundo elemento é, para ele, o mais relevante. Além disso, esse juntor pode ter papel enfático, quando já não mais atua como conjunção coordenativa.

4 Procedimentos metodológicos e análise dos dados

Nesta seção, apresentamos a análise das ocorrências extraídas do banco de dados CORPES, que pode ser acessado *online*.⁹ Para chegar às ocorrências, selecionamos a opção *lema* e fizemos uma busca pelo termo *pero*. Foram encontrados 20.666 casos no meio escrito, da tipologia de *blogs*. Desse gênero textual, selecionamos aleatoriamente trinta ocorrências para análise, considerando todos os tipos de elementos possíveis, oracionais e não oracionais.

Em (15) observa-se um uso oracional:

(15) con docenas de cadáveres en descomposición desperdigados aquí y allá. El lugar no es muy agradable. El hedor es profundo, ya que la carne de los cuerpos se encuentra en diferentes fases de putrefacción. Hay muertos por el suelo, en los árboles, en el interior de casetas, en el maletero de un coche... **Pero no es una película de zombis**: es pura ciencia. (2004 Aberrón: «La granja de cuerpos». Fogonazos. Asombros diarios (ESPAÑA))

[com dezenas de cadáveres em decomposição espalhados aqui e ali. O lugar não é muito agradável. O fedor é profundo, pois a carne dos corpos está em diferentes estágios de decomposição. Há

⁹ Disponível em: <https://presea.linguas.net>. Acesso em: mar. 2021.

mortos no chão, nas árvores, dentro de cabines, no porta-malas de um carro... Mas não é um filme de zumbi: é ciência pura.]

Em (15) o autor descreve um lugar assustador, onde há mortos por todas as partes. Após o período “Há mortos no chão, nas árvores, dentro de cabines, no porta-malas de um carro”, é utilizado o juntor *pero* para acrescentar a informação “não é um filme de zumbi: é ciência pura”, pois o lugar existe e pertence ao Centro de Antropologia Forense da Universidade de Tennessee. Podemos identificar, portanto, dois elementos, em que o primeiro é a construção *hay algo* e o segundo, *no es eso, es aquello*.

Esses dois elementos configuram, cada, um Ato Discursivo (A), pois são unidades dotadas de Falante, Ouvinte, Conteúdo Comunicado (o que se quer dizer) e Ilocução, que, nesse caso, é declarativa.

Os Atos envolvidos apresentam uma relação desigual, já que o falante atribui a eles pesos comunicativos diferentes. O primeiro deles, *hay muertos por el suelo*, um apresentativo, é o Ato Subsidiário, que veicula a função retórica Concessão (Conc). O segundo, por sua vez, é o Nuclear, ou seja, é, do ponto de vista do falante, o que apresenta a informação mais importante, como mostra a representação a seguir, em que se observam dois Atos Discursivos (A_i) e (A_j) formando um único Movimento (MI):

- (15a) (M_i: [(A_i: – Hay muertos por el suelo, en los árboles, en el interior de casetas, en el maletero de un coche – (A_i)_{Conc} (A_j: – no es una película de zombis – (A_j))] (M_i))

Em termos argumentativos, o falante apresenta o primeiro Ato (A_i) para, a seguir, no Ato Nuclear (A_j), acrescentar um Conteúdo Comunicado que julga ser mais relevante do que o primeiro, aquilo que realmente deseja que o falante considere. O Ato Nuclear é acrescentado pelo falante porque ele julga que pode haver falta de clareza com relação à referência de algum componente do Conteúdo Comunicado do Ato anterior.

É interessante observar que o Ato Nuclear, em contextos de *blogs*, é delimitado na escrita por pontos e letras maiúsculas, quando, na modalidade escrita, por exemplo, seriam delimitados apenas por vírgulas. Essa característica, no entanto, não altera as propriedades desses elementos no Nível Interpessoal nem nos outros níveis.

No Nível Representacional, cada Ato Discursivo configura um Conteúdo Proposicional (p), construtos mentais, julgamentos do próprio falante com base em suas crenças e pressuposições, algo que existe apenas na mente do falante e não pode ser localizado no espaço nem no tempo. Esse estatuto pode ser comprovado por meio de modificadores que assinalam atitudes proposicionais, como *tal vez*, *seguramente*, *probablemente*, *a lo mejor*, etc., conforme se observa na paráfrase (15b). Essa camada segue representada em (15c).

(15b) **Seguramente** hay muertos por el suelo, en los árboles, en el interior de casetas, en el maletero de un coche, pero **a lo mejor** no es una película de zombis

(15c) (p_i: – Hay muertos por el suelo, en los árboles, en el interior de casetas, en el maletero de un coche – (p_i)) (p_j: – no es una película de zombies– (p_j))

O Nível Morfossintático, por sua vez, codifica a relação desigual entre os Atos Discursivos advinda do Nível Interpessoal por meio da Palavra Gramatical (Gw) *pero*, que leva o ouvinte a considerar e a interpretar o segundo Ato como comunicativamente mais relevante. Nesse caso, cada Ato Discursivo equivale a uma Oração (Cl), sendo que ambas podem ser utilizadas de forma independente em termos morfossintáticos, já que configuram Orações dotadas de sentido quando isoladas: *hay muertos por todos los lados* e *no es una película de zombis...* A representação (15d) mostra essa independência, já que a dependência (dep) não é marcada em nenhuma das Orações e se observa a Palavra Gramatical *pero* entre elas:

(15d) (Le_i: [(Cl_i: – Hay muertos por el suelo, en los árboles, en el interior de casetas, en el maletero de un coche (Cl_i)) (Gw pero (Gw)) (Cl_j: – no es una película de zombis (Cl_j))] (Le))

A amostra analisada revela que os elementos coordenados por *pero* não se restringem apenas aos oracionais. Há vários casos em que esse juntor coordena elementos em que pelo menos um deles é não oracional, como representa (16) a seguir:

(16) me descubro ante “Los lunes al sol”, de Fernando León de Aranoa. Hace poco que he salido del cine y aún sigo un poco conmovido. Me temí, tras el fiasco de “Señales”, que mi cosa sensible se había extinguido, pero hoy he comprobado que no. No es que me haya echado a llorar, **pero casi**. Lo cierto es que el drama humano, la tensión de unos personajes a los que poco más les queda que seguir adelante, acaso porque, como dice uno de ellos, “Dios no cree en nosotros”, me ha tocado. (2002 Armentia, Javier: «Los Lunes Al Sol». Por La Boca Muere El Pez (ESPAÑA))

[Me descubro diante de “Los lunes al sol”, de Fernando Leín de Aranoa. Saí do cinema faz pouco tempo e ainda estou um pouco em choque. Fiquei com medo, após o fiasco de “Señales”, que meu lado sensível teria sido extinto, mas hoje comprovei que não. Não é que eu tenha chorado, mas quase. A verdade é que o drama humano, a tensão de uns personagens que pouco tem para seguir em frente, talvez porque, como diz um deles “Deus não acredita em nós”, me tocou.]

Em (16), houve a elipse da perífrase verbal *me haya echado a llorar*. No entanto, a elipse não muda a nossa análise de que se trata de um Sintagma Adverbial (*casi*). Hengeveld e Mackenzie (2021) tratam esses casos como *gapping*, um tipo de elipse que se volta para o verbo. Os elementos coordenados por *pero* são, portanto, *no es que me haya echado a llorar* e *casi*. Embora morfossintaticamente diferentes da ocorrência anterior, no Nível Interpessoal continuam sendo dois Atos Discursivos (A_1 e A_1), conforme também observam Pezatti, Paula e Galvão Passetti (2019) para o português, pois são unidades de sentido que apresentam Falante, Ouvinte, Conteúdo Comunicado e Ilocução.

Observa-se, assim, um único Movimento composto por dois Atos Discursivos em uma relação desigual. O primeiro Ato *no es que me haya echado a llorar* é Subsidiário e apresenta a função retórica Concessão (Conc), enquanto o segundo Ato, *casi*, é o Ato Nuclear, aquele que, informacionalmente, é o que falante considera mais relevante, conforme representado a seguir:

(16a) (M_1 : [(A_1 : –no es que me haya echado a llorar– (A_1))_{Conc}
(A_1 : –casi– (A_1))]) (M_1)

No Nível Representacional, a relação se estabelece, assim como ocorre em (17), entre dois Conteúdos Proposicionais, já que se tratam de construtos mentais que não apresentam localização no tempo e no espaço, conforme representado em (18b):

(16b) NR: (p_i: – no es que me haya echado a llorar – (p_i)) (p_j: – casi– (p_j))

No Nível Morfossintático, o primeiro elemento, *no es que me haya echado a llorar*, configura uma Oração (Cl) e o segundo, *casi*, um Sintagma Adverbial composto por um único Advérbio (*Adverbial word*), sendo coordenados por meio da Palavra Gramatical *pero*, conforme se observa na representação a seguir:

(16c) NM: (Cl_i: –no es que me haya echado a llorar– (Cl_i)) (Gw_i: /'pero/ (Gw_i)) (Adv_{wi}: –casi– (Adv_{wi}))

No Nível Morfossintático observam-se ainda outros tipos de Sintagmas,¹⁰ que não os Adverbiais, tais como os Adjetivais, ou seja, aqueles cujos núcleos são constituídos por adjetivos, como se observa em (17) a seguir:

(17) Si tiene algún hilo conductor, es la búsqueda del fotógrafo de sus recuerdos de la movida, y su intento de reflejar las vidas marginales de la gente de Malasaña; en ese sentido, el fotógrafo se convierte en un reflejo del propio novelista. Es una novela dura, desagradable a veces, **pero muy interesante**. (2002 Merelo, Juan Julián: «Lecturas veraniegas». Atalaya: desde la tela de araña, ESPAÑA)

[Se tem um fio condutor, é a busca do fotógrafo por suas memórias da cena e sua tentativa de refletir as vidas marginais do povo de Malasaña; nesse sentido, o fotógrafo passa a ser um reflexo do próprio romancista. É um romance difícil, desagradável às vezes, mas muito interessante]

Na ocorrência (17), nota-se que o primeiro elemento é constituído pela Oração *Es una novela dura, desagradable a veces*, reconhecida

¹⁰ Para as combinações possíveis de Sintagmas no português, cf. Galvão Passetti (2021).

tradicionalmente como predicado nominal, e o segundo, pelo Sintagma Adjetival *my interesante*, cujo núcleo é o adjetivo *interesante*. Não é difícil observar que o objetivo do Falante aqui é contrapor as características da história: difícil, desagradável, mas interessante, com maior peso comunicativo para a segunda, *interesante*, o que lhe permite indicá-la ou continuar falante sobre.

Vale a pena comentar ainda uma ocorrência em que os dois elementos combinados, diferentemente dos anteriores, são Sintagmas. Vejamos:

- (18) Cine de autor, sin fisuras ni cargantes segundas lecturas. al pan, pan y al vino, vino. Tal y como debe ser. Directo al grano, como una patada al estómago. Doloroso **pero necesario**. (2004 Spaulding: «El Expreso de Medianoche». Spaulding's Blog (ESPAÑA)
[Cinema de autor, sem fissuras ou segundas leituras penosas. Ao pão, pão, e ao vinho, vinho. Como deveria ser. Direto ao ponto, como um chute no estômago. Doloroso, mas necessário.]

Em (18), os dois elementos unidos por *pero* constituem Sintagmas Adjetivais, constituídos, cada qual, por um único Adjetivo. Nesse caso, o falante contrasta as qualidades *doloroso* e *necesário*, com maior peso comunicativo para o segundo.

Nota-se, então, que o juntor *pero* pode unir dois Atos Discursivos de estatutos diferentes, em que o primeiro é Subsidiário e apresenta a função retórica Concessão (Conc) e o segundo, Nuclear. Isso quer dizer que o elemento introduzido pelo juntor *pero*, ou seja, o segundo elemento é, para o falante, a informação mais importante, sendo, portanto, o elemento que guia a comunicação em termos argumentativos. No Nível Representacional, cada Ato a um Conteúdo Proposicional, camada que se refere aos construtos mentais dos falantes. Esses elementos podem corresponder a diferentes configurações morfossintáticas, Orações ou Sintagmas, coordenados pela Palavra Gramatical *pero*.

Os dados mostram também que em contextos digitais *pero* pode ser encontrado de outra maneira, em que não une dois Atos Discursivos, mas sim relaciona porções textuais que se voltam para a interação, como em:

- (19) Feliz año, **pero... ¿qué es un simple año en la inmensidad del tiempo profundo?** (2002 «El monstruo de Aramberri». El Paleofreak (ESPAÑA))

[Feliz ano novo, mas... o que é um simples ano na imensidão do tempo profundo?

Em (19), *pero* introduz uma pergunta que conduz e impulsiona a comunicação. Refere-se a uma unidade que apresenta Falante, Ouvinte, Conteúdo Comunicado e Ilocução interrogativa, o que já lhe dá o estatuto de Ato Discursivo, mas que, nesse caso, configura uma atuação do falante na interação, a fim de guiá-la, o que caracteriza, na Gramática Discursivo-Funcional, um Movimento.

Ao acrescentar uma pergunta em “*pero... ¿qué es un simple año en la inmensidad del tiempo profundo?*”, o autor lança a pergunta para uma reflexão entre ele e o leitor do *blog*, após desejar o “Feliz ano novo”. Como se observa, trata-se de um lance que se estabelece no âmbito interacional, já que a intenção do falante/autor é levar seus leitores a uma reflexão sobre o tempo podendo, até mesmo, gerar algum tipo de interação no meio digital, por meio de comentários da postagem, por exemplo.

A unidade introduzida por *pero* ocorre em um único turno e representa uma tentativa do falante de simular uma conversa com o leitor, o que dá ao *blog* um caráter intimista e aproxima o falante (escrevente) do ouvinte (leitor). Como se observa, esse tipo de estrutura abre a possibilidade de uma reação por parte do ouvinte e impulsiona o discurso, o que comprova seu estatuto de Movimento, definido como uma “contribuição autônoma para uma interação em andamento” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 50).¹¹

Os Movimentos, como mencionado anteriormente, podem ser formados por um único ou por mais Atos Discursivos. No caso de (19), o Movimento *¿qué es un simple año en la inmensidad del tiempo profundo?* é constituído por um único Ato com Ilocução interrogativa, como representado em (19a):

- (19a) (M_i: [(A_i: – qué es un simple año en la inmensidad del tiempo profundo – (A_i))])

¹¹ “[...] an autonomous contribution to an ongoing interaction.”

Observa-se que este Movimento é inserido no contexto digital para prefaciá-lo, para impulsionar uma conversa, o que, na Gramática Discursivo-Funcional, caracteriza *pero* como um *push marker* (“marcador push”), ou seja, um operador que tem por função introduzir uma digressão que pode chegar a suspender um Movimento anterior a fim de inserir um novo tópico ou assunto. O falante utiliza *pero*, dessa maneira, para acrescentar uma pergunta e impulsionar a interação.

A pergunta *¿qué es un simple año en la inmensidad del tiempo profundo?* retrata um questionamento do falante sobre um ano, tempo absoluto, em um tempo relativo, o que configura, na GDF, Estados-de-Coisas (e) e Episódio respectivamente. Cada Estado-de-Coisas faz parte de um único Episódio (ep), que, portanto, faz parte da constituição de um Conteúdo Proposicional (p), como mostra a representação a seguir em (19b):

(19b) NR: (pi: (ti: – qué es un simple año en la inmensidad del tiempo profundo – (ti))

No Nível Morfossintático, essa unidade configura uma Oração (Cl) que compõe, sozinha, uma única Expressão Linguística, como mostra (19c):

(19c) (Le₁: [(Gw *pero* (Gw) (Cl₁: – qué es un simple año en la inmensidad del tiempo profundo (Cl₁))] (Le))

Nessa perspectiva, o uso de *pero* em contextos digitais é uma estratégia argumentativa, pois as escolhas do falante (autor) são feitas para atingir seus propósitos comunicativos e argumentativos. Desta maneira, a interação com o uso de *pero* não é escolhida apenas para contrapor uma ideia, mas para influenciar o leitor a acreditar no ponto de vista do falante. Além disso, embora seja um meio escrito, aproxima-se da modalidade informal da língua, que é um modo de interação que visa influenciar o outro, por se aproximar do interlocutor.

Observam-se ainda, nos dados, usos de *pero* que fogem muito ao que vimos até agora. Nesse caso, *pero* apresenta um papel enfático, conforme representa a ocorrência a seguir.

- (20) “Yo he dado el pecho en exclusiva, hasta que mi hijo empezó a comer sólido, y después continúe dándoselo, en la calle, en casa, en sitios públicos, en casas de amigos, sin vergüenzas ni tapujos. Y he sido muy, **pero que muy criticada** por ello. Las críticas empezaron en el hospital donde me negué a que se llevaran a mi hijo al nido para darle un biberón porque lloraba. Las primeras en criticarme fueron las enfermeras. Curioso, ¿no?. Después críticas de familia, amigos, vecinos...” (Belén: «Colecho, lactancia ¿es una batalla?, ¿qué nos pasa?»). *Mamá sin complejos* (ESPAÑA)). [Amamentei meu filho exclusivamente no peito, até que ele começou a comer comida sólida, e depois continuei amamentando, na rua, em casa, em lugares públicos, em casa de amigos, sem vergonha nem disfarce. E tenho sido muito, mas muito criticada por isso. As críticas começaram no hospital onde me recusei a levar meu filho ao berço para dar mamadeira porque ele chorava. As primeiras a me criticarem foram as enfermeiras. Curioso né? Depois críticas de família, amigos, vizinhos...]

Em (20), a autora quer expressar o quanto foi criticada, mas julga que o leitor pode não ter dimensão de tamanha crítica que recebeu e, por isso, enfatiza o quão criticada foi por meio de *pero*. Note que, nesse caso, *pero* não poderia ser substituído por conjunções que marcam adversidade, como *sin embargo*, por exemplo, o que comprova não se tratar de um de caso de contraposição.

Para Pezatti e Garcia (inédito), essa estratégia de ênfase é possível também em português com o uso de *mas*. Para as autoras, nesse caso, *pero* assinala intensificação de um Ato Discursivo, funcionando como marcador de Ênfase.

Dessa forma, o Ato Discursivo *que muy criticada* é composto por um intensificador *muy* e por um Subato Atributivo *criticada*, que contém dois operadores de Ênfase: *pero* e *que*, que escopam todo o Ato Discursivo.

A análise mostra, em resumo, que *pero* pode atuar como marcador de função retórica Concessão, quando coordena elementos oracionais ou não oracionais, os quais configuram Atos Discursivos, ou como operador de Movimento, quando se volta para o monitoramento da interação. Os resultados revelam também que *pero* atua como marcador de Ênfase, quando opera sobre Atos Discursivos.

5 Considerações finais

Neste trabalho analisamos os usos e papéis de *pero* em contextos digitais do espanhol à luz do modelo da Gramática Discursivo-Funcional, representada basicamente por Hengeveld e Mackenzie (2008) e por Keizer (2015). Essa perspectiva considera como unidade de básica de análise o Ato Discursivo e apresenta um viés translinguístico, ou seja, seus princípios devem ser aplicáveis a toda língua natural.

Embora, nas gramáticas de referência do espanhol, *pero* seja uma conjunção coordenativa adversativa que estabelece uma oposição entre dois elementos opostos, *pero* é, segundo a perspectiva da GDF, um marcador da função retórica Concessão. Essa função é, para o modelo, relacional, quer dizer, relaciona duas unidades que constituem, cada qual, Atos Discursivos de estatuto desigual. O primeiro Ato é Subsidiário e o segundo, Nuclear. Ao primeiro é atribuída a função de Concessão (Conc), ou seja, é nele que o falante *concede* uma informação, para, em seguida, no Nuclear, apresentar um conteúdo que considera comunicativamente mais relevante. Essa diferença de estatuto é atribuída pelo próprio falante, já que ele organiza o Conteúdo de cada Ato Discursivo da maneira como melhor lhe convém, ou seja, como acha que é mais apropriado para atingir seus propósitos comunicativos. Ao segundo Ato, ou seja, ao Nuclear, o falante reserva o que julga mais importante, mais relevante do ponto de vista da interação, do ponto de vista argumentativo.

Esses casos foram confirmados no universo digital estudado, mostrando que o falante, nesse contexto, também tem a pretensão de atingir seus propósitos comunicativos e convencer seus possíveis leitores/ouvintes.

Pudemos constatar que cada Ato Discursivo constitui, no Nível Representacional, um Conteúdo Proposicional, camada mais alta desse nível. No processo de codificação, no Nível Morfossintático, podem configurar Orações ou elementos não oracionais, tais como Sintagmas, os quais apresentam uma relação de independência morfossintática, o que caracteriza o processo da coordenação. Vimos que é frequente a combinação de Oração e Sintagmas, mas pode ocorrer também a combinação apenas de Sintagmas.

Verificamos também que *pero* pode prefaciar um lance, em outras palavras, um Movimento, camada mais alta do Nível Interpessoal. Nesse caso, o falante tem a intenção de guiar interacionalmente o ouvinte por meio de unidades que podem ir além de um único Ato Discursivo,

unidades maiores de texto, que podem ter Ilocução declarativa ou interrogativa. Nesse caso, *pero* caracteriza-se como um marcador do tipo *push*, que possibilita maior proximidade do falante (blogueiro) com seu ouvinte (leitor).

Há, por último, casos em que *pero* prefacia Atos Discursivos com a finalidade de ressaltar o seu conteúdo. Nesse caso, *pero* é um operador de ênfase, uma categoria muito importante da Gramática Discursivo-Funcional, uma estratégia utilizada pelo Falante para intensificar um Ato Discursivo ou um Subato.

A análise revela, portanto, que, em meios digitais do espanhol, *pero* é bastante utilizado como estratégia argumentativa, interacional ou enfática. Em todos os casos, trata-se de um uso interpessoal, que se dá no Nível Interpessoal e encontra sua contraparte nos demais níveis propostos pelo modelo adotado, o da Gramática Discursivo-Funcional.

Declaração de autoria

Este artigo foi desenvolvido por ambas as autoras colaborativamente. Especificamente, a autora Carolina da Costa Pedro realizou a primeira versão da análise dos dados e escreveu os principais pontos do referencial teórico. A autora Talita Storti Garcia concluiu a análise e escreveu parte do referencial teórico. As duas autoras realizaram a redação e a revisão final do texto.

Referências

ACÍN VILLA, E. Sobre *pero* enfático. *Cuadernos de Investigación Filológica*, Universidad de la Rioja, v. XIX-XX, p. 219-233, 1993-1994. DOI: <https://doi.org/10.18172/cif.2343>.

BOSQUE, I.; DEMONTE, V. *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa, 2000.

GALVÃO PASSETTI, G. H. Coordenação de constituintes não oracionais por meio de *mas* nas variedades portuguesas sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional: Concessão e Contraste. 2021. 245f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2021.

GILI GAYA, S. *Curso superior de sintaxis española*. Barcelona: Vox, 2002.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, L. *Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: University Press, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199278107.001.0001>

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, L. Interfaces, mismatches, and the architecture of Functional Discourse Grammar. In: CONTRERAS GARCÍA, L.; GARCÍA VELASCO, D. (ed.). *Interfaces in Functional Discourse Grammar: Theory and applications*. Berlin; New York: De Gruyter Mouton, 2021. p. 15-57. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110711592-002>

HERNANDÉZ ALONSO, C. *Gramática funcional del español*. Madrid: Fredos, 1984.

KEIZER, E. *A functional Discourse Grammar for English*. Oxford: University Press, 2015.

MATOS, G. Estruturas de coordenação. In: MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5. ed. rev. aum. Lisboa: Caminho, 2003. p. 229-259.

MONTOLÍO, E. *Conectores de la lengua escrita*. Barcelona: Ariel, 2001.

PEDRO, C. C. As orações com ‘pero’ no espanhol peninsular falado sob perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional. 2020. 110f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2020.

PEZATTI, E. G.; GARCIA, T. S. Ênfase assinalada por “mas” na perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional. (no prelo.)

PEZATTI, E. G.; PAULA, D. C. F.; GALVÃO PASSETTI, G. H. Contraposição não oracional com *mas*: substituição e acréscimo. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 61, p. 1-18, 2019. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v61i1.8653710>.

PRESEEA. *Corpus del Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América*. Granada: Universidad de Granada, 2014. Disponível em: <http://preseea.linguas.net>. Acesso em: 29 dez. 2019.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA Y ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA. *Nueva gramática de la lengua española: morfología y sintaxis*. Madrid: Espasa, 2009.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Banco de datos (CORDE) [en línea]. *Corpus diacrónico del español*. Disponível em: <http://www.rae.es>. Acesso em: 03 dez. 2021.